

PARA PENSAR UMA SOCIOLOGIA DIGITAL:

ENTREVISTA COM DOMINIQUE CARDON

TO THINK DIGITAL SOCIOLOGY:

INTERVIEW WITH DOMINIQUE CARDON

Entrevista e Tradução realizada por Francisco W. Kerche e Teresa Soter Henriques***

Depois de uma conferência no Médialab da Sciences Po, nós perguntamos a Dominique Cardon se ele poderia nos conceder uma entrevista. O objetivo era contar um pouco de sua experiência como diretor do Médialab, um laboratório multidisciplinar de estudos de tecnologia na Sciences Po, e suas perspectivas do digital. Então, durante trinta minutos, em um café perto da universidade, entre o barulho de copos e xícaras, ele nos contou sobre a organização do laboratório, a influência do digital em nossa vida quotidiana, na política, nas condutas, e da particularidade desse tema na sociologia.

Dominique Cardon é diretor do Médialab da Sciences Po. Desde 2010 seus trabalhos se orientam em conduzir uma análise sociológica de algoritmos da web e do big data, visando compreender a forma interna do cálculo e a forma que os calculadores projetam sobre nossa sociedade. Sua lista de artigos é longa, e também publicou os livros “Web 2.0”, “O que sonham os algoritmos. Nossa vida na era do Big Data” e “Democracia da Internet” que foi traduzido no Brasil.

* * *

Revista Habitus: *Para começar, pedimos sempre aos nossos entrevistados para contar um pouco de sua história, seu percurso acadêmico, e o quão importante foi este percurso para o estudo da sociologia digital hoje?*

Dominique Cardon: Eu tive um percurso muito singular, passei vinte anos em um laboratório industrial, o laboratório de pesquisa da operadora telefônica que se chama Orange, onde sempre houve uma tradição sociológica da tecnologia e do digital. Passei vinte anos lá, estava metade na faculdade e metade neste laboratório da universidade de Marne la Vallée. Depois, cheguei na Sciences Po. Não é um percurso acadêmico normal, mas eu acredito que foi ligado ao meu interesse pelo digital. No meio universitário tradicional da França, e especialmente na sociologia, os enfoques sobre o digital, na sociologia da educação, da família, da saúde, etc. ainda é pouco desenvolvido. E estranhamente, era mais fácil de ser feito em um laboratório de engenharia industrial. Lá, éramos um pequeno grupo de sociólogos no meio de três mil engenheiros que fabricavam tecnologias: tratamento de sinal, nível de voz, teleconferência, etc. As coisas mudaram muito depois que a internet chegou. Isto me sensibilizou muito à sociologia das ciências e da tecnologia [sciences et techniques]: como as pessoas trabalham,

quais são suas questões, quais são suas preocupações? E como eram as pessoas do design, em pesquisa de tecnologia, sempre havia um momento em que eles se perguntavam: “qual vai ser o efeito da minha tecnologia na sociedade, qual vai ser o efeito nos usuários?”, etc. Sua linguagem, aquela do inovador, não necessariamente a nossa, mas a articulação entre as abordagens das ciências sociais que se atentam à transformação da nossa sociedade, do indivíduo, do seu equipamento cognitivo, da estrutura relacional que elas vivem, da forma organizacional que ela trabalha, era uma preocupação muito constante. Então, eu estive imerso durante vinte anos no meio industrial antes de voltar à Sciences Po para dirigir o Médialab e ensinar a sociologia do digital, que é um tema que eu abordo há vinte anos. Eu comecei a trabalhar sobre as formas de falar em público no rádio, antes da internet, e depois trabalhei um pouco com sociologia do trabalho ao chegar na R&D, como nós chamávamos antes do Centro Nacional de Estudos de Telecomunicações. Depois, desde que chegou a internet, na metade dos anos 90, eu desenvolvi trabalhos sobre a história da internet, assim como sobre os militantes e a internet, e foi uma grande fase de pesquisa no Brasil, o fórum social mundial durante o período de 2000-2004 no qual o digital esteve muito presente. Havia a ideia de que a forma de cooperação no software digital era uma forma social desejável e estabelecida nas estruturas organizacionais das formas sociais, mas também em alguns coletivos militantes. Era um bom tópico na época, nós éramos muito otimistas. Depois, sobre a Wikipédia, e em seguida sobre as redes sociais, hoje sobre os algoritmos.

Revista Habitus: *Você falou um pouco sobre a utilização por parte dos movimentos sociais, e recentemente da mudança que o algoritmo pode fazer com esses grupos na política. Você acredita que os algoritmos podem mudar a forma na qual as minorias políticas se orientam no debate público?*

Dominique Cardon: Isto é uma questão complicada. Eu tenho uma posição bastante intermediária. Hoje existe uma variedade de discursos que sustenta que o algoritmo representa a racionalidade do cálculo, do viés sistemático [bias systématique], os interesses econômicos que nos manipulam, e que existe um risco maior para a nossa sociedade. Eu não me afilio a esse discurso. Acredito que hoje nós não nos interessamos o suficiente sobre o seu funcionamento [da tecnologia]. Tudo que tentei fazer, verdadeiramente sobre um espírito da sociologia das ciências e da tecnologia, é criticar os algoritmos. Devemos compreender como eles funcionam e se o seu funcionamento tem interesses econômicos. Sobre o poder que existe hoje nos algoritmos, temos efetivamente riscos de normalização, riscos de condução etc. que são fortes, mas basta conhecer o funcionamento desta máquina para que o tipo de dominação que exercem essas novas máquinas seja percebido de forma diferente. É a maneira pela qual a relação de forças entre a plataforma e a nossa sociedade que se coloca em jogo, a possibilidade de dar aos utilizadores parâmetros dos algoritmos, que é minha questão de pesquisa atual. Os algoritmos não são nada além de processos de cálculo, e nós podemos fazê-los muito bem se garantirmos que eles sejam curiosos, e encorajemos a diversidade, ou então que sejam equalizantes, redutores e alienantes. Por isso deve-se fazer a sociologia da ciência e da tecnologia, digo, pegar juntas a sociedade e a tecnologia para moldar arranjos que não sejam muito tóxicos, porque é verdade que eles podem sê-lo, como o *Facebook*, por exemplo.

Revista Habitus: *O senhor acredita que a abordagem sociológica desta questão é tão variada quanto o objeto, digo, o senhor acredita que existam diversas sociologias do digital?*

Dominique Cardon: Sim, acredito que existam várias. Esse é um bom exercício de se fazer, fazer a gama das abordagens distintas que são mobilizadas. Existem abordagens diferentes para cada disciplina, porque hoje os juristas, os economistas e os sociólogos têm pontos de vista que são um pouco diferentes. Digamos que exista uma forma *standard* da sociologia, que é muito justificada. Eu não tenho nada de hostil a ela, mas eu penso que não é a melhor via. Essa abordagem está atenta à estrutura de poder na nossa sociedade, o poder econômico, às formas de jogo, de competências, de racionalização de nossas sociedades pelo cálculo, mas é uma posição muito crítica em relação aos algoritmos, e finalmente, associa ao cálculo algoritmo, e ela não está equivocada, a nova forma tomada pelo neoliberalismo nas plataformas americanas, a captação do valor do trabalho dos internautas, o controle de suas condutas. A posição que eu defendo é mais aberta, nós poderíamos dizer que ela refere-se à sociologia pragmática, atenta à pluralidade de formas, de ações e de indivíduos. Eu poderia dizer que hoje nós temos muito mais agência do que dizemos, então temos capacidades críticas, existem aberturas mais diversas de usos e depois, quando entramos nos cálculos, [as formas] são extremamente variadas. A abordagem que eu me ateno é inspirada no trabalho de Bruno Latour, da sociologia da ciência e da tecnologia. Digo, vale compreender como isso se adere com o interior do sistema, e uma parte do meu trabalho sobre os algoritmos é mostrar como podemos regular esses algoritmos pela popularidade, pela autoridade, pela reputação e pela personalização. Este não é o mesmo cálculo, não é o mesmo valor que é abarcado, não é o mesmo modelo econômico pelos atores que regulam desta ou daquela forma, e logo uma imensa variedade de formas de cálculos que nós temos o interesse de utilizar para compor a crítica aos algoritmos. Existem também as abordagens mais experimentais na sociologia e na psicologia experimental que trabalham bastante sobre os algoritmos, usando muitas vezes os algoritmos para ver como isso nos faz sentir, como isso nos guia, como temos um viés cognitivo que prevê se vamos responder de uma ou de outra maneira a uma solicitação de um ou outro sinal. Isto também faz parte do trabalho das ciências sociais sobre a questão. Depois nós temos as abordagens das políticas públicas que buscam afirmar "bom, não me interessa muito como o algoritmo funciona de fato, me interessa mais a regulação global do sistema, as plataformas, os dados, etc.". Enfim, são abordagens bastante distintas.

Revista Habitus: *Para as abordagens da sociologia, quando falamos do MédiaLab, é um laboratório multidisciplinar. Você acredita que a sociologia do digital é um tema particularmente interdisciplinar?*

Dominique Cardon: Por vezes, quando nós dizemos "interdisciplinar", nós queremos dizer "mistura". Nós, na França, dizemos que – e isto é muito francês –, dizemos que as pessoas de Marseille fazem uma sopa de peixe, em que eles colocam todos os peixes, colocam vários legumes e cozinham por bastante tempo, é muito bom, chama-se "bouillabaisse". Bem, por vezes a interdisciplinaridade é uma mistura que não é muito proveitosa, logo, eu acredito que discutimos bem com os outros quando

estamos bem inseridos em nossa própria disciplina. É isto que fazemos no Médialab, é mais que uma interdisciplinaridade, quero dizer, hoje eu não quero trabalhar sem os técnicos de informática, porque nós temos um volume de dados enorme, eu não sei fazer o que é necessário, pois é preciso competências e habilidades específicas, então a ideia é refletir a questão juntos, nós fabricamos os aparatos digitais para acumular os dados, e tratamo-los juntos com eles e os designers. Logo, são três grupos que compõem o laboratório: desenvolvimento informático, design e sociologia. Necessita também um software para visualizar e relatar os resultados. Nós escrevemos os artigos nas revistas científicas, mas as pesquisas importantes que nós fazemos estão no site, na verdade. Porque eles devem ser informativos, deve ser possível visualizá-los, devem ser inteligíveis, então, existe uma nova dimensão das ciências sociais que se encontra sobre a escrita. A escrita se torna digital também. É por isso que o Médialab tenta integrar estas dimensões: os dados, os desenvolvedores de ferramentas, o design, a participação do público e o trabalho de pesquisa.

Revista Habitus: *O senhor acredita que ainda é possível fazer uma sociologia do digital com ferramentas mais clássicas da sociologia?*

Dominique Cardon: Sim, com certeza. Eu acredito que isto está ligado à minha trajetória pessoal e meus centros de interesse. Tenho muito interesse pelos desenvolvedores de informática e todos as questões que eles têm. Por outro lado, nós podemos ser sociólogos clássicos, com o método da antropologia, da entrevista, o questionário digital – que são muito bem feitos, e os questionários são bastante necessários – simplesmente, estes questionários vão se interessar majoritariamente para compreender o uso do digital, ou mesmo a economia do digital, ou o efeito psicológico dos serviços digitais, ou até a economia dos preços afetados pelo novo mercado de plataformas, etc. Não existe nenhuma razão para pensar que o digital exige um método original. Todavia, o que defendemos no Médialab é que existe algo que exige esta articulação, é a dimensão reflexiva que o digital exerce em nossa sociedade. Quero dizer que por vezes é uma profissão de prática social, mas uma prática social que nos dá informações sobre nossas próprias práticas sociais. Logo, um loop reflexivo é configurado. A metodologia que tentamos aplicar é para dizer que o questionário é uma experiência, nós entregamos os dados de antemão, mas ao montá-lo nós montamos e transformamos as ações. Logo, a dimensão reflexiva do efeito do digital na sociedade é mais difícil de abordar por uma metodologia tradicional, todavia não é impossível.

Revista Habitus: *Você acredita que, para os estudantes de graduação, é interessante aprender estes métodos diferentes como o machine learning ou deep learning como sociólogos?*

Dominique Cardon: Acredito que para os estudantes, quando debruçamos sobre qualquer tema hoje em dia, o digital pode vir a ser interessante, porque ele é uma fonte de informação, porque sempre tem um fórum sobre o tema que nós estudamos, porque mesmo os indivíduos que trabalham sobre as crenças religiosas hoje em dia têm sites na web... O digital é presente em muitos objetos de pesquisa, e lá, os métodos de observação, de estatística, de descrição etc. mostram-se úteis. Depois, é verdade que o mundo digital fábrica a novidade tecnológica constantemente, por vezes é interessante, por vezes

não. A forma atual é o aprendizado profundo (*deep learning*), o *machine learning*, etc. Nós fazemos isso, é bastante útil, nós estudamos também como isto é feito. Porém não é hoje algo *standard* em revistas de sociologia. Ao invés de fazer uma regressão linear clássica, fazer um aprendizado, mas isto está cada vez mais nas disciplinas das ciências duras, da informática etc., são feitas pequenas experimentações. Para os estudantes de graduação, com objetivo, se isto for útil, porque não? O grande problema disso é que vão haver muitos professores que não vão mais considerar isso como um tema sério, porque os sistemas de verificação estatística são muito menos exatos ou verificáveis que os testes de estatística que podem ser feitos nos métodos mais tradicionais.

Revista Habitus: *Você considera que o algoritmo age de forma particular ou universal? Um algoritmo criado para o Norte Global (Europa, Estados-Unidos etc.) tem um mesmo funcionamento que aquele criado pelo Sul Global (América Latina, África etc.)? Existe alguma homogeneização? Uma universalização? Ou ele é mais heterogêneo, e neste caso, ele compreende fronteiras nacionais?*

Dominique Cardon: Seria interessante observar isso. Quando nós observamos como funcionam as novas técnicas de *machine learning* e de *deep learning*, elas dependem inteiramente dos dados de uso e do comportamento dos internautas, dos usuários. Então, não há nenhuma razão para pensar em estandardização e de globalização mundial; é um fenômeno que não aborda apenas os algoritmos, mas também o consumo, o transporte, o turismo, etc.; não há uma reespecificação local, digamos nacional, das formas que tomam o cálculo por causa de um caráter nacional, das pessoas que têm dados, dos dados e dos sistemas que construíram os modelos sobre o comportamento dos indivíduos. Então, nós temos muitos paradoxos da globalização. Quero dizer, que isso uniformiza, isto é certo, e ao mesmo tempo, isso relocaliza. Em parte, isso não vem completamente do alto porque esses sistemas se reorientam com as práticas dos indivíduos e das sociedades.

Revista Habitus: *As particularidades dos algoritmos acabam gerando o fenômeno de “bolhas” na internet?*

Dominique Cardon: Esse é um grande debate em todos os lugares. Na verdade, em toda história da internet, nós temos essa ideia de que as pessoas podem se fechar em uma bolha. Eu tenho uma posição um pouco deslocada em relação a isso, eu não acredito muito. Embora obviamente possamos nos fechar. Precisamos ser vigilantes, mas essa crença se apoia em erros metodológicos que são consideráveis. Um dos erros é esquecer, primeiro, de observar no questionário, nisso estamos bem nas ciências sociais, o indivíduo no conjunto de seus sistemas de informação. O que ocorre com o digital é que nós aumentamos consideravelmente as vias de acesso à informação. Aqui observamos apenas uma coisa, o *Facebook*, mas nós esquecemos que as pessoas assistem à televisão, nós esquecemos que existe o rádio, os outros sites etc. então se formos pelo lado da plataforma, ela pode criar bolhas, mas se nós nos colocarmos do ponto de vista do sujeito, tudo corrobora a ideia de que nós vivemos em uma sociedade que nunca teve acesso a tanta informação. Ela é cada vez mais diversa, a qualidade é incerta e ela pode por vezes ser problemática. Sempre existem desigualdades inacreditáveis de acesso à informação, com isto digo que existem pessoas que enriquecem consideravelmente, graças ao digital,

seu nível de informação e de informação diversas, e a decalagem se torna muito forte. E além do mais, a exposição à informação, a sociologia das mídias já havia mostrado há um bom tempo, existe o que chamamos de exposição seletiva, quer dizer que nós vamos procurar a informação de fontes que apoiem nossa própria opinião. Mas isto é o mesmo com a imprensa, a televisão, a rádio, isto não mudou, mas a consequência é que nós parcialmente tornamos os espaços de informação um pouco mais fechados, nos expondo seletivamente. O que se tornou bizarro com o digital é que nós contribuimos verdadeiramente a fazê-lo, antigamente, liamos o jornal de esquerda, liamos o jornal de direita e pronto. Agora, escolhemos nossos amigos do *Facebook*, a escolha de amigos é definida pelo algoritmo como prioridade da informação e existe um efeito de bolha que pode se fechar. Dito isso, é complicado afirmar isso para o debate brasileiro no *WhatsApp*, mas para os países sobre os quais já existem muitos estudos que eu conheço, na França, nos Estados Unidos etc. a bolha é perfurada em todos os lugares. Na realidade, as pessoas tem mais e mais informações, eles não sabem bem como fazer, os algoritmos ajudam a reduzir um pouco, mas mesmo no *Facebook* e no *Twitter* nós vemos a informação de uma perspectiva política oposta muito mais que na vida real. Isso não quer dizer que não possam haver efeitos de concentração muito fortes e efeitos ideológicos em pequenos nichos um pouco extremos nos quais esta bolha se torna muito forte.

Revista Habitus: *No que concerne o crescimento de campanhas políticas extremistas que tiveram lugar em muitos países como Brasil, você acredita que a tecnologia/internet/web tem uma relação com esse aumento do discurso extremista?*

Dominique Cardon: Sim, podemos dizer isso. O que é complicado e interessante quando trabalhamos com a tecnologia depois de vinte anos é que no começo, antes, todos estavam reclamando. As mídias alternativas, as mídias militantes, passavam seu tempo dizendo que as mídias são “três canais de televisão, um pouco de rádio, cinco órgãos da imprensa, que não é representativa e é necessário produzir informação alternativa.” Quando chegou a web, abriu a porta para isso, não havia mais custo de difusão, e, logo, nós permitimos às pessoas de se expressar de maneira múltipla e diversa. Então, isso foi uma forma de liberação extraordinária do discurso, das possibilidades, das oportunidades e nós víamos isso de uma forma muito emancipatória. Agora, as pessoas podem se expressar e nós dizemos a eles “quando as pessoas falam eles falam qualquer coisa!”, o que é falso. Nós ouvimos bastante, hoje, esse discurso de voltar a fechar a caixa e voltar à autoridade. Nossa sociedade fabrica, e sobretudo nos períodos de crise, opiniões diversas. Ora, quando a web chegou eram majoritariamente a esquerda e a extrema-esquerda que estavam presentes nas mídias. Hoje, eu penso que existe uma parte de nossa sociedade que é de extrema-direita e a web os permite de se expressar. Como indivíduos podemos pensar o pior, mas o fato de que eles podem se expressar é pouco condenável, se nós aplicarmos a mesma lógica. O problema é quando isso ultrapassa certos limites, existem limites legais: incitação ao ódio racial, antissemitismo etc. e eu acredito que devemos ser bem severo sobre essas questões. Mas o fato de que o espaço público seja aberto e que ele crie um mercado um pouco desregulado de informações é uma conquista. O risco desse discurso é de dizer que todo o mundo diz tudo e qualquer coisa, e que não há mais hierarquia, mas sempre há. Nós fazemos muitos estudos digitais e temos sempre que pensar sobre a hierarquia das mídias, sempre há alguma, e

sempre a televisão e os grandes jornais estão no centro. É sempre organizado, sempre há uma estrutura desse espaço, mesmo se os efeitos desta estrutura nos incomodem.

Revista Habitus: *Desde que você fez a cartografia da web 2.0, que fazem quase 10 anos, você fala bastante da construção de si e dos perfis na internet. Hoje, você considera que os perfis são criados por ou para nós?*

Dominique Cardon: É complicado, digamos que nós estamos ainda em ambivalências do digital, mas também nas transformações do individualismo contemporâneo. O que a rede social permite não é somente a liberdade de expressão política e de opiniões, mas também a ideia de que o digital oferece um espaço de construção de identidades e que esta construção de identidade foi desempenhada em formas de reconhecimento público antes que pelos pares, amigos, e próximos e, em seguida, em um círculo mais amplo. Esse mecanismo opera sempre em regime pleno, mas é verdade que há um paradoxo da massificação, as grandes plataformas enquadraram os sistemas, elas organizam, elas formatam, elas guiam com o algoritmo. Todavia, o fato de que o *Instagram* entrou em sua vida e disse ao usuário “minha vida deve ser fotografada de certa maneira, eu tenho que estar feliz, é necessário que eu mostre certos traços pertinentes da minha vida e depois esconda outros, é necessário que eu seja sensível a isso ou aquilo.”; isso é uma forma de valorização da construção de identidade, mas ao mesmo tempo, pode ser também alienante porque nós vemos que existe um conjunto de normas sociais e culturais inacreditáveis que são promovidas com o *Instagram*, *Facebook*, *Snapchat* etc. Os utilizadores têm um poder de agir com isso, mas é um poder de agir que é um tanto complicado. Eu penso muito nas normas femininas, na estética, na beleza etc. Isso diz respeito às jovens. Em um certo momento de sua vida, é uma trajetória de desenvolvimento pessoal, mas existe, mesmo assim, um momento de captura por uma ideologia de uma forma de representação de si que é muito homogeneizante.

Revista Habitus: *Você vê que há uma forma de disputa de representação de si?*

Dominique Cardon: Ah, sim. Isso que me faz dizer que não é completamente normalizado. Nós percebemos muito bem estes aspectos quando falamos do corpo, por exemplo, ser gordo, mostrar e dizer isso. O movimento *#metoo* [1][eu também] e *#balancetonporc* [2] [balance o seu porco], as formas de singularização de si etc. A circulação de informação é muito rápida e nós podemos encontrar fatores de mimetismo que fazem que no momento que produzimos uma forma um pouco original ou divergente de construção, ela é feita novamente e depois se banaliza. Nós podemos dizer que o que é feito nas redes sociais é que elas têm a capacidade de engolir e absorver a inovação que é tão rápida que a inovação vira ela mesma uma forma de banalidade. É a modernidade avançada.

[1] Hashtag internacional contra assédio e agressão sexual, utilizada para demonstrar a grande disseminação de violências sexuais pelo mundo.

[2] Site que permite às vítimas de assédio sexual, agressão sexual ou de estupro postarem seu testemunho e de trocá-lo entre si. (balancetonporc.com).

Revista Habitus: Qual é o futuro do digital, na sua opinião?

Dominique Cardon: Um sociólogo não sabe responder essas perguntas, nós não fazemos prospectivas, nós não sabemos prever o futuro. O que eu posso falar são as questões que estão presentes: existe uma questão sobre o cálculo, sobre o poder das plataformas, que é uma questão de economia global, de política econômica. Isso não pode durar, eles precisam pagar impostos, precisamos de atenção aos dados, redistribuir os poderes, precisamos criar uma variedade de atores. Mesmo assim, é inacreditável que a informação seja unicamente *Google* e *Facebook*. Existem questões próprias às formas do cálculo, que correspondem a todo o desenvolvimento do *machine learning* (eu prefiro dizer *machine learning* do que inteligência artificial, porque é apenas o *machine learning*). Depois, como sociólogo, a coisa que me preocupa hoje é a ligação entre o digital e o desenvolvimento da desigualdade. Vemos isso bem com Bolsonaro, é que o digital, e isso não é a única razão, tem uma contribuição na fabricação das sociedades que se dividem muito evidentemente entre uma população ativa, educada, urbana ligada a uma verificação de fatos que encontram uma existência rica, viajada e diversa no *Instagram*, e que tem acesso a uma ampla quantidade de informação e uma população que é menos presente lá, mas que está mesmo assim no digital, troca mensagens nas conversas de *WhatsApp*. O digital se torna o teatro da expressão do ressentimento que elas têm em relação às outras. Essa população utiliza o *Facebook* nas pequenas conversas, nas conversas de *WhatsApp* no Brasil etc. então temos uma questão sociopolítica maior hoje que é de evitar esse rasgo, esse desprezo entre duas populações e o digital não encontra soluções para isso, e pode ser mesmo a causa de um fortalecimento desta tensão... Isso é um grande problema. 🌐

* Francisco W. Kerche é graduando em Bacharelado em Ciências Sociais no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ) e ex-membro do Comitê Editorial da Revista Habitus.

** Teresa Soter Henriques é graduada em Bacharelado em Ciências Sociais no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ).